

Psicodrama: raiz moreniana e centrado na pessoa

Hipólito, J.; Roriz, P.; Laneiro, T. (2010)

Resumo

Com este trabalho pretendemos efectuar uma reflexão sobre as semelhanças e diferenças entre o Modelo de Psicodrama Moreniano e o Psicodrama Centrado na Pessoa desenvolvido por Hipólito (2000).

Esta justifica-se pela pertinência que este instrumento comporta quer pelo seu valor como meio psicoterapêutico, quer como modo de formar mais eficazmente profissionais em várias áreas de actividade.

Revisitaremos as influências históricas e filosóficas, as bases teóricas e o desenvolvimento na prática destas duas abordagens ao psicodrama. Para o efeito, foram efectuadas leituras da bibliografia pertinente e uma entrevista com Hipólito (comunicação pessoal, Março, 2010)

Palavras-Chave: Psicodrama; Abordagem Centrada na Pessoa; Humanismo; Existencialismo.

Abstract

This article compares and reflects on the similarities and differences between Moreno's Psychodrama and the Person Centred Approach Psychodrama, developed by Hipólito (2000).

A good understanding of this is relevant to the correct use of this latter method as a powerful psychotherapeutic means and as a way to better train professionals in several activity areas.

The historical and philosophical influences, as well as its theoretical bases are explored, for both of these psychodrama methods, based on a revision of literature and a personal interview with the author (Hipólito, personal communication, March, 2010).

1. Introdução

Drama, vindo do grego significa acção (Machado, 1981) “narração viva e animada que representa ao vivo actos e palavras dos personagens” (p.304). É, por extensão, a representação de uma acção, quer trágica, quer cómica. Sendo que, *acção* é qualquer acontecimento que se desenrola num determinado espaço e tempo (Machado, 1981), *drama* será então a representação de qualquer acontecimento em espaço e tempo determinado.

Psiquê, vindo igualmente do grego, significa alma, espírito, podendo igualmente estar associado a um conjunto de processos psíquicos conscientes e inconscientes (Oliveira & Carvalho, 1995).

Então, socorrendo-nos do significado etimológico dos termos *drama* e *psiquê*, poderemos definir *Psicodrama* como a representação de determinado conteúdo mental, que decorre num determinado espaço e tempo objectivado através da expressão verbal e corporal subjectiva.

Por último, para Moreno, criador do *Psicodrama*, este será definido como a ciência que, usando métodos dramáticos, explora uma determinada ideia ou “verdade” (Moreno, 1964/2006).

Para Moreno (1964/2006), o psicodrama nasce no dia 1 de Abril de 1921, entre as 19h e as 22h sendo o seu pensamento estruturado nas disciplinas de, sócio-dinâmica, sociometria e sociatria. Através da sociatria, *soc-iatria*, (cura de grupos ou cura social), Moreno pretendia tratar os pequenos grupos sociais e, a partir de aí, toda a Humanidade (1964/2006).

Segundo Moreno, (1965/2007) a psicoterapia de grupo é mais antiga e natural no homem do que a psicoterapia individual, tendo esta a sua raiz nas civilizações primitivas, que se apercebiam do papel decisivo das forças do grupo na estruturação da vida psicológica e social. Moreno propõe um método que influencie simultaneamente, o grupo e o indivíduo. Poderemos afirmar que o psicodrama, criado pelo psiquiatra romeno, representa um momento marcante na passagem da psicoterapia individual para a psicoterapia em grupo, representa uma alternativa ao divã psicanalítico, tão em voga na época. Este método terapêutico está assente na hipótese de que para que exista uma reintegração psicodinâmica e sociocultural do grupo ou do indivíduo será necessária a

criação de uma mini-cultura terapêutica em substituição de um habitat natural insatisfatório ou restritivo. Segundo Lipman (2003/2008) esse espaço de confiança é o palco do psicodrama, onde podem ser revividos “os traumas originais no aqui e agora” (p.24).

Por considerarmos que este processo e método psicoterapêutico se mantém de extrema actualidade e que muito ainda se pode acrescentar ao seu desenvolvimento pretendemos estudar as raízes do Psicodrama, bases teóricas e técnicas, bem como o seu posterior desenvolvimento à luz da teoria da Abordagem Centrada na Pessoa. Assim sendo, o objectivo deste trabalho assenta numa reflexão comparativa entre o Modelo de psicodrama desenvolvido por Moreno, Psicodrama Moreniano, e a proposta do Psicodrama Centrado na Pessoa (Hipólito, 2000; comunicação pessoal, 2010), como forma de observar diferenças e pontos de contacto a nível teórico e operacional entre as duas abordagens, clarificando, assim, o seu cariz evolutivo.

Assinalamos que este instrumento assume também pertinência na formação em várias áreas profissionais, na medida em que torna o experienciado um veículo para a tomada de consciência e conseqüentemente para a actualização do desenvolvimento da pessoa a vários níveis.

2. Raízes históricas do psicodrama

Para Moreno (1964/2006) o psicodrama não tem antecedentes históricos directos. Embora possa existir um certo paralelismo com a *Commedia dell'Arte* Italiana, por se tratar de uma representação baseada no improvisado sobre um tema pré-definido ou um enredo. No entanto distingue-se desta pois a sua finalidade era o entretenimento e

não a terapêutica. Assim, as raízes do psicodrama poderão ser mais adequadamente ligadas aos ritos dramáticos primitivos, onde certas maleitas físicas ou mentais eram tratadas através de teatralizações orientadas pelo sacerdote com o objectivo de purificar a enfermidade (Moreno, 1964/2006).

2.1. Outras influências para as teorias de Moreno

Segundo Guimarães Lopes (s.d.), as bases existenciais do psicodrama moreniano são evidentes, se bem que contaminadas pela topologia de Kurt Lewin. Assim sendo, “ a atitude individual está *con-formada* pelas atitudes dos outros sendo cada um livre e responsável do modo como actua”.

Convém salientar que para a Teoria de Campo de Lewin (1951/2008) o campo é tudo que é experienciado pela pessoa nos contextos em que se encontra. Nestes, estão incluídos os espaços, tempos e relações com os outros e como as representações destes fenómenos são compreendidas. Igualmente Moreno valoriza a importância do meio, o ser em situação, considerando ser necessário criar um espaço terapêutico de liberdade para que a resposta espontânea e portanto adaptativa seja reencontrada para a existência.

Este sentido da existência humana, ou do ser está para alguns autores na ideia de *Dasein* ou ser-no-mundo. É através da sua relação com o mundo que o homem “é” (Heidegger, 1927/1995). Nesta perspectiva poder-se-á dizer que o homem é centro irradiador de sentido. Igualmente para Moreno (1964/2006) o homem só se constrói a si

mesmo, só alcança o Eu Total, através da integração dos seus vários papéis (eus parciais), ou seja o Eu surge através da relação com o mundo e não antes dela.

Segundo Binswanger (1956/1977), o que se apelida de terapia, consiste tão-somente em levar o doente até a um ponto em que ele consiga 'ver' como está constituída a estrutura total da existência humana ou do *ser-no-mundo* e em que ponto dela *extravagou*. Ou seja: resgatá-lo da extravagância. Igualmente Heidegger (1927/1995) salientava que a ansiedade existencial, muitas vezes na base do pedido de ajuda, era fruto da *inautenticidade*. Para o autor este vazio surgia em resultado de um viver *massificado* ou alienado, ou seja, de um viver contrário à nossa verdade mais profunda, do que sentimos, pensamos, em suma, somos.

Estes conceitos de inautenticidade e extravagância, como explicações para o processo de alienação ou afastamento de si próprio, poderão ser igualmente encontrados em Moreno (1964/2006) quer na representação inadequada de papéis, dos eus parciais, como impedimento ao surgimento do Eu, quer na perda da espontaneidade através do processo de socialização. De facto, autenticidade, espontaneidade, não extravagância, significam a não massificação do pensamento, antes o assumir a verdade de cada um como ser único.

Moreno (1983) afirmava-se deleitado e divertido ao descobrir, nas deliberações da filosofia existencial, o conceito central da psicoterapia no constructo de encontro significativo e o seu relacionamento com a existência. Igualmente para Buber (1979), o Encontro existencial é o expoente máximo da relação. Este encontro que Buber (1979) fala como a relação Eu-Tu pode ter inspirado de certa forma a relação Télica que para Moreno era uma empatia que funcionaria nos dois sentidos (Fonseca, 2008).

3. Bases teóricas

3.1. A Teoria dos Papeis – desenvolvimento bio-psico-social

O *papel*, um conceito derivado do teatro e introduzido na sociologia e na psicologia e psiquiatria por Moreno, indica a “posição (*status*) que a pessoa assume dentro da sociedade” (Martin, 1984, p. 211); os papéis expressam, as distintas dimensões psicológicas do eu (Moreno, 1965/2007).

Para Moreno, a *teoria dos papéis* é um dos constructos fundamentais do psicodrama. Esta teoria encerra a concepção de Moreno do desenvolvimento bio-psico-social, do indivíduo. Moreno (1964/2006) afirma que "o desempenho de papéis é anterior ao surgimento do Eu. Os papéis não emergem do Eu; é o Eu que emerge dos papéis" (p. 25). Partindo do pressuposto que o "Eu" dá unidade estrutural à pessoa, podemos depreender que Moreno considera que esta unidade não existe *à priori*, mas sim que é posterior à acção da pessoa no mundo, ou seja, é alcançada através do desempenho dos papéis sociais, psicológicos e fisiológicos sendo através do desempenho de papéis no mundo que se constrói o *self*.

Poderemos concluir que para Moreno (1964/2006) como para outros existencialistas, os papéis surgem a partir da *matriz de identidade*, definida por Moreno como "a base psicológica para todos os desempenhos de papéis" (p. 25); universo indiferenciado onde o bebé vive e base para o desempenho de papéis de ordem fisiológica, psicológica e social (Mesquita, 2000). É através dos vários papeis que a

criança comunica com o mundo e se desenvolve. São os “precursores do eu, e esforçam-se por se agrupar e unificar” (Moreno, 1964/2006, p. 25); são como *eus parciais*. E é da integração dos *eus parciais*, da sua unificação, que surgirá aquilo a que chamamos Eu. Desta forma, corpo, psique e sociedade são as partes intermediárias e integrantes do Eu total (Moreno, 1964/2006).

Esta teoria está na base da psicoterapia psicodramática, pois para Moreno, a concepção de saúde mental está directamente ligada à adequação e flexibilidade dos papéis que desempenhamos, enquanto a doença será uma inadequação desse desempenho (Mesquita, 2000). Poderemos, concluir que a psicoterapia psicodramática visa uma adequada integração dos vários eus parciais, única forma do Eu Total surgir.

Mas vejamos como estes papéis ou eus parciais inter-agem entre si. O homem nasce inserido num átomo social, a família nuclear, o grupo-modelo. Dentro desse átomo desempenha um determinado papel. Mas, ao longo da vida, o átomo social vai sofrendo alterações, é dinâmico, momentâneo. No entanto, sempre que se entra num novo grupo, leva-se consigo próprio a experiência do papel que se desempenhou no grupo-modelo (Moreno, 1953/1992), e consoante essas relações primárias foram funcionais ou disfuncionais, assim vão influenciar as futuras relações nos vários outros grupos que fazem parte de cada átomo social (Lipman, 2003/2008).

São essas feridas que vão ser saradas na terapia psicodramática, pois durante a sessão poderá ser percebido que se funciona seguindo um padrão de comportamento, influenciado pela experiência vivida no grupo-modelo, e que se está a reagir não à pessoa que se tem na frente e ao papel que ela desempenha no momento, mas a alguém que nos feriu no passado (Lipman, 2003/2008). É aqui que o conceito de *Tele*, que será explicado mais adiante, é da máxima importância. O *Tele* que segundo Moreno permite

compreender o outro na sua intimidade, senti-lo, acontece aqui e agora, anulando a transferência, inibidora de uma visão clara da situação actual (Moreno, 1953/1992).

Assim sendo, para Moreno (1953/1992), vamo-nos definindo através da relação com o outro. Então, através do psicodrama poderemos criar papéis alternativos que permitam interagir com os outros do nosso átomo social, de forma mais adaptativa e renovada. E assim a realidade é co-criada, pois o homem não pode ser separado do seu universo relacional.

Ora esta transformação só é possível porque o homem tem em si a espontaneidade e a criatividade necessárias para encontrar novas respostas mais adequadas, recriando-se em cada momento.

4. Principais conceitos

4.1. Espontaneidade

A terapia moreniana baseia-se na reaprendizagem da espontaneidade, perdida pela socialização (Hipólito, 2000). Para Guimarães Lopes, (s.d.). Quanto maior for a espontaneidade, menor será a ansiedade que a pessoa sente, sendo fonte de bem-estar.

Segundo Moreno (1983) o indivíduo deve ser observado através das suas relações interpessoais. É um ser social, nasce e vive em sociedade e necessita dos outros para sobreviver. No entanto, embora o homem nasça espontâneo, deixa de o ser devido à influência adversa quer do ambiente afectivo-emocional, quer do ambiente social em que a família se insere. Mas como alterar essa situação? Moreno defende que só é possível modificar uma dada situação através da criatividade, indissociável da

espontaneidade; modificar algo é criar, e a acção criadora pressupõe comunicação quer seja com pessoas reais como simbólicas (Fuhriman & Burlingame, 1994).

4.2. *Tele*

Esta acção, (o *Tele*) palavra que vem do grego e que significa *acção à distância*, pressupõe uma ligação elementar que se desenvolve progressivamente no homem, a partir da nascença, no sentido de relação social. Segundo Moreno (1965/2007), o *Tele* pode ser considerado o fundamento de todas as relações interpessoais saudáveis e é essencial a qualquer método eficaz de psicoterapia. É uma "percepção interna mútua entre dois indivíduos" (p.39). Definindo a empatia como a captação sensível dos sentimentos e emoções de alguém, Moreno definiu que "o fenómeno *Tele* é a empatia ocorrendo em duas direcções" (Moreno, 1965/2007, p.39), o encontro humano (Moreno, 1983).

Assim, contrapondo-se a Freud que considerava o processo de transferência fundamental para a cura, Moreno propôs o *Tele* como a superação da relação de transferência (Moreno, 1983). Ao invés, era fomentada a relação Télica. Desta forma, *Tele*, o Encontro entre terapeuta e cliente-grupo, é o verdadeiro eixo da cura (Moreno, 1983).

4.3. *Catarse*

É nesse encontro que é possível que ocorra a catarse mental, termo proveniente do grego e que significa purga ou purificação. Ora, o psicodrama combina a catarse individual com a colectiva. E o grande promotor da catarse é sem dúvida a espontaneidade (Moreno, 1964/2006).

A catarse foi definida por Aristóteles (s.d. citado por Moreno, 1964/2006) em *Poética*, como a reacção emocional do espectador ao assistir a uma tragédia. É uma *catarse passiva*. Em contraponto na experiência religiosa oriental a purificação é alcançada através da acção, é um processo que se passa no interior do indivíduo e que é mostrado aos outros através das suas acções. É uma *catarse activa*. Moreno inspirou-se no conceito de catarse da religião oriental para o seu psicodrama (Moreno, 1964/2006).

No psicodrama a catarse do espectador é um fenómeno secundário. Moreno interessou-se principalmente pela criatividade e a espontaneidade do actor que se libertam através da expressão das suas personagens. Assim sendo, o fenómeno que desencadeia a catarse é a espontaneidade, a acção dramática espontânea. Esta surge em quatro direcções: somática, mental, individual e grupal (Moreno, 1964/2006). É durante este processo que os vários *eus parciais* poderão ser integrados o que possibilita uma melhor percepção global de si mesmo e dos outros (Leal, 2006).

5. Método Psicodramático

O Psicodrama como técnica psicoterapêutica é complexo. Não há um método único que possa ser sempre aplicado. O método mais antigo e popular de psicodrama é o *auto-dirigido*, no qual é exclusivamente o cliente quem dirige a produção. Nessa modalidade, o director e os egos-auxiliares assistem o cliente, se este o solicitar (Moreno & Beacon, 1947).

O tratamento psicodramático é baseado na simulação da realidade, ambiental e psicológica. A consciência de que se está protegido facilita o confronto com situações até então temíveis e permite a experiência de novas emoções não ameaçadoras (Moreno

& Kipper, 1968/1978). No espaço dramático ensaiam-se “novas” atitudes reflectidas por outra perspectiva do conseqüente, no aqui e agora da acção (Guimarães Lopes, s.d.). É pedido aos participantes que usem a espontaneidade, em vez das memórias (Moreno & Kipper, 1968/1978), assim, o "paciente age em vez de lembrar" (Guimarães Lopes, s.d.), e através da espontaneidade encontra uma resposta adequada a uma situação nova ou antiga (Moreno, 1964/2006).

6. Instrumentos e técnicas

Este método usa cinco instrumentos: Palco, Sujeito, Director, Egos-auxiliares ou assistentes terapêuticos e Público (Moreno, 1964/2006). A função inerente a cada um destes instrumentos será explicitada mais adiante.

Tabela 1. Teoria dos Papeis

Técnica	Fase	Descrição
Técnica do Duplo	Indiferenciação do Eu e do Tu	Ego-auxiliar, utilizando linguagem verbal ou gestual reforça a expressão por vezes incompleta do protagonista.
Técnica do Espelho	Reconhecimento do Eu	Protagonista assume a posição de público e assiste à representação de si próprio a cargo de um ego-auxiliar.
Técnica da Inversão de Papéis.	Reconhecimento do Tu	O protagonista inverte papéis com os vários personagens do enredo psicodramático, assumidos pelos egos-auxiliares

De acordo com a *teoria dos papéis*, Moreno criou algumas técnicas psicodramáticas, cada uma delas correspondendo a uma fase determinada do desenvolvimento psíquico (Osório, 2002). A sua descrição pode ser vista na Tabela1.

Salienta-se que a *Técnica da Inversão de papéis* é a mais importante no Psicodrama. Baseia-se na relação com o outro, potenciando a percepção que o

protagonista tem do outro, e do outro em relação ao “eu”. Segundo Moreno, esta relação poderá culminar no "Encontro" existencial (Osório, 2002).

Uma regra importante no psicodrama, pois respeita a liberdade de acção dos participantes essencial à acção espontânea: o protagonista pode rejeitar um determinado ego-auxiliar, como um ego-auxiliar pode rejeitar assumir determinado papel (Moreno, 1964/2006).

7. Sessão de Psicodrama clássico

Para melhor compreendermos as semelhanças e diferenças entre as duas abordagens ao psicodrama na prática, observemos em maior detalhe como decorre uma sessão de Psicodrama de raiz moreniana, debruçando-nos mais adiante numa sessão de Psicodrama Centrado na Pessoa.

Habitualmente, uma sessão de psicodrama clássica tem a duração de 60-90 minutos e pressupõe três fases distintas: *Preparação*, *Dramatização* e *Partilha*. Cada uma representa um momento diferente no processo (Moreno, 1964/2006).

Mas vejamos, de forma sucinta, como Moreno descreve uma sessão de Psicodrama Clássico:

O Psicoterapeuta após ter orientado o grupo e o protagonista durante a fase de *Preparação*, retira-se de cena, mantendo-se como um observador passivo durante a fase seguinte, *Dramatização*. Nessa altura entram em cena outras personagens próximas do universo do protagonista representadas pelos egos-auxiliares. À medida que a representação progride e que o protagonista pode ver os outros e a si próprio segundo

outra perspectiva, o seu Eu reorganiza-se, é ganho um sentimento de força interior, e é alcançada a purificação através da *catarse de integração*. E esta segunda fase termina com a retirada dos egos-auxiliares. Na fase que se inicia, *Partilha*, o público passa a controlar a sessão. Os membros do grupo exprimem os seus sentimentos e falam da sua própria experiência em conflitos semelhantes aos expostos durante a representação. Atinge-se assim uma *catarse de grupo* (Moreno, 1964/2006). É neste momento que os conteúdos da cena adquirem significado (Mesquita, 2000).

As sessões de Psicodrama são geralmente gravadas, assim como o momento de partilha. O visionamento faz parte integrante da análise que o grupo faz da sessão. Para Moreno esta possibilidade foi considerada uma grande conquista (Moreno, 1964/2006).

8. Psicodrama segundo Hipólito

Segundo João Hipólito (2000) quando Carl Rogers escreveu sobre as possíveis aplicações da Terapia Centrada no Cliente destacou o Psicodrama como algo de interessante e promissor, “ (...) uma tentativa estimulante para utilizar os princípios da terapia por caminhos novos” (Rogers, 1974, citado por Hipólito, 2000, p.89). Este facto encorajou Hipólito a desenvolver um modelo de psicodrama com os fundamentos da Abordagem Centrada na Pessoa (Hipólito, 2000). Para Hipólito (comunicação pessoal, Março, 2010) o psicodrama não se limita a ser uma terapia verbal; tem também a vantagem de ultrapassar a palavra e passar ao “acto” usando a linguagem corporal. Ora este processo permite um alargamento do campo experiencial, onde não só é possível uma vivência emocional da experiência passada, como a sua adequada actualização, aqui e agora. Para além disso, a memória do corpo ajuda a cimentar a reconstrução. Para

Hipólito, (2000) são estas algumas das principais razões para que se possa considerar o psicodrama como um instrumento muito poderoso de mudança. No psicodrama o desejado não é só expresso verbalmente, é também experienciado e desta forma actualizado (Hipólito, 2000).

8.1. *Bases teóricas*

Assim sendo, o Psicodrama humanista tendo nos seus aspectos técnicos, as suas raízes em Moreno, Lacan e Anzieu, entre outros, tem como suporte teórico a Abordagem Centrada na Pessoa de Carl Rogers, nomeadamente o conceito de Tendência Actualizante, as Seis Condições Necessárias e Suficientes e a não-directividade (Hipólito, 2000).

Começando pelas “seis condições” que se referem basicamente ao tipo de relação terapêutica e à atitude do terapeuta face ao cliente, assentes nos princípios de compreensão empática, de um olhar incondicional positivo, de congruência na relação e da demonstração clara ao cliente dessas mesmas condições necessárias e suficientes ao sucesso terapêutico, poderemos perceber que é este *setting* o principal facilitador do processo reestruturante do cliente/grupo. E isto porquê? Porque segundo a teoria de Rogers (1951/2004) todo o homem/organismo segue a Tendência Actualizante. Ou seja, o cliente tem em si a capacidade de se reestruturar, tem a capacidade de desenvolver o seu potencial ao máximo, de acordo com as condições ao dispor. Desta forma, um *setting* de tolerância e compreensão permitirão condições favoráveis ao auto-desenvolvimento e reestruturação. Sendo assim, compreende-se a não-directividade, pois o terapeuta acredita no potencial “auto-actualizante” do cliente.

8.2. Conceitos

Mas, para melhor entendermos em que se baseia e distingue o Psicodrama Centrado na Pessoa, entrevistámos Hipólito (comunicação pessoal, Março 2010), não nos baseando simplesmente na consulta da bibliografia ao nosso dispor. Interessava-nos saber que conceitos tinham sido aproveitados do psicodrama de Moreno. Questionámo-lo nesse sentido sobre: *catarse*, *tele* e espontaneidade.

Em relação à *catarse*, o psicodrama humanista, não a rejeita mas não a provoca (Hipólito, comunicação pessoal, 2010). Igualmente para Moreno, a *catarse* deve surgir como fazendo parte de um processo conduzido pelo protagonista, ou seja, o fenómeno que desencadeia a *catarse* é a espontaneidade, a acção dramática espontânea (Moreno, 1964/ 2006). Pelo que percebemos, a diferença será Moreno considerar que a *catarse* deverá surgir inevitavelmente desde que a espontaneidade seja encontrada, sendo este processo o objectivo do psicodrama; e para Hipólito a *catarse* não é condição necessária para uma sessão bem sucedida. Aliás, para o psicodrama humanista a *Representação/Dramatização* não é necessária ao bom decorrer do processo. Sendo, neste caso discutido em conjunto, o que poderá ter impedido os membros do grupo de chegarem a um consenso em relação ao tema escolhido (Hipólito, comunicação pessoal, Março, 2010). Tal facto afigura-se-nos uma diferença abissal entre os dois métodos psicodramáticos, justificada, pensamos, pela diferença de atitude do Director/Facilitador. Mas este ponto será discutido mais à frente.

Em relação à espontaneidade, Hipólito (comunicação pessoal, Março, 2010) considera que está subjacente a qualquer aplicação da Abordagem Centrada, no entanto

discorda com a opção de Moreno, por considerar que no psicodrama moreniano a reaprendizagem da espontaneidade é provocada pelo “papel activo do terapeuta ao desencadear momentos de actualização emocional” (Hipólito, 2000). Neste ponto, o da *Dramatização*, segundo Moreno (1964/2006), embora o Director esteja num papel passivo na acção, os Egos-auxiliares poderão funcionar como agentes catalisadores.

Em relação ao *Tele*, embora Hipólito (2000) nada diga, refere que o Psicodrama Humanista está baseado nas seis condições necessárias. Sendo assim, o conceito empatia estará então presente. Embora, para Moreno, *Tele*, seja empatia nos dois sentidos e o movimento empático promotor do Encontro, poderemos considerar que o conceito *Tele* se mantém nesta abordagem, observado na compreensão empática do terapeuta e na percepção desta mesma compreensão do terapeuta por parte do cliente.

8.3. *Instrumentos e Técnicas utilizadas*

Segundo Hipólito (comunicação pessoal, Março, 2010) as técnicas usadas no Psicodrama Humanista são as mesmas do Psicodrama de Moreno (v. Tabela 1).

Em relação aos Instrumentos, embora sejam os mesmos (Hipólito, comunicação pessoal, 2010), poderemos perceber que para além de ser usada outra terminologia para alguns deles existe igualmente uma diferença operacional. Assim, o Director difere do Terapeuta/Facilitador na sua atitude; ao invés de durante a representação se manter como “espectador/analista”, “está empenhado profundamente como pessoa” (Hipólito, 2000, p.92). Os egos-auxiliares, são denominados Observadores-participantes. Têm talvez um papel menos activo na Dramatização que neste caso se passará a denominar *Representação*, como actores, cabendo esse papel aos Participantes. Deverão ter

formação em psicoterapia ou serem interventores nas áreas sócio-comunitária ou pedagógica, e têm como tarefa participar, no final de cada sessão, no trabalho de reflexão, juntamente com o terapeuta-facilitador. Para além desta função, o seu papel não difere do papel dos participantes, somente se devem abster de propor temas para a Representação (Hipólito, 2000).

9. Psicodrama Centrado no Grupo

Mas vejamos como Hipólito (2000) descreve o seu Psicodrama Centrado na Pessoa:

O Psicodrama desenvolvido por João Hipólito, à semelhança da Terapia Centrada no Cliente de Carl Rogers, segue a abordagem centrada no grupo. Assim sendo, o cliente é o grupo que sendo constituído por pessoas, distintas entre si, pressupõe uma actuação centrada primeiramente na pessoa/cliente e depois no seu sistema sócio-antropológico. Encontramos aqui alguma equivalência com o Psicodrama de Moreno que não só actua sobre o indivíduo mas neste inserido no seu átomo social.

Segundo esta perspectiva, uma sessão de psicodrama pressupõe dois momentos distintos: o momento da desordem, quando os vários participantes propõem temas vários para a posterior *Representação*, e o momento do reordenamento, quando é alcançado um objectivo comum e a unidade.

As regras de funcionamento são explicitadas ao grupo pelo Facilitador no início da sessão; são indispensáveis à criação de um clima de confiança e segurança psicológica. São elas: presença em todas as sessões, participar saída definitiva e confidencialidade. São definidos igualmente, horários e local para os trabalhos.

Após este primeiro momento, cabe aos participantes a escolha do tema para a Representação. Esta escolha é feita por consenso. É então definido o Protagonista, o autor do tema, e os outros actores/participantes, assumidos pelos participantes ou observadores-participantes. Importa salientar que, à semelhança do psicodrama moreniano, todos podem recusar participar activamente como actores ou representar determinado papel. O início da Representação é dada pelo Facilitador assim como o final. Todos participam, embora com funções diferentes. Mesmo quem não foi escolhido para desempenhar nenhum papel e se limita à função de espectador-participante pode sempre intervir, assumindo um novo personagem ou *dobrando* uma das personagens propostas no início, ou seja, exprimindo verbalmente aquilo que percebe que o actor sente mas não diz. O próprio Facilitador pode, em caso de necessidade, assumir a dobragem ou mesmo tocar o Protagonista (Hipólito, comunicação pessoal, Março 2010). Igualmente o período de reflexão sobre a Representação e o vivido, conta com a participação de todos (Hipólito, 2000).

No final da sessão o Facilitador faz uma síntese do que se passou na sessão, enquadrando-a dentro dos objectivos propostos. Após a finalização dos trabalhos, a equipe, facilitador e observadores-participantes, realiza entre si um período de reflexão, essencial à supervisão ou intervisão. As sessões assim como o período de reflexão do grupo podem ser gravados em vídeo, permitindo a confrontação (Hipólito usa confrontação) com uma imagem objectiva da representação (Hipólito, 2000). Convém salientar que este método foi igualmente utilizado por Moreno que o considerava uma grande inovação.

Assim, em todo este processo, cada pessoa encontra-se em relação consigo mesma, com cada um dos membros do grupo e com o grupo, em si; diversas dimensões

são trabalhadas, numa relação eu-tu-nós. Desta forma o sonho pessoal, é o sonho em que todos participam.

Para Hipólito (2000) o psicodrama surge não só no contexto terapêutico, como meio de desenvolvimento pessoal; mas igualmente como um modelo de formação para “técnicos e equipas de trabalho no âmbito da psiquiatria social e do trabalho com grupos” (p. 90). No contexto comunitário, como instrumento de intervenção, tendo ainda a sua utilidade em psiquiatria social, ou seja, em comunidades terapêuticas e de saúde mental, em psicoterapia de grupo ou em animação pedagógica (Hipólito, 2000).

10. Conclusão

Inserido no contexto da psicoterapia de grupo, considerada a grande inovação da terapia moreniana, o Psicodrama representa um momento marcante na passagem da utilização de métodos verbais para a acção como método terapêutico.

No Psicodrama de Moreno é dada ênfase à espontaneidade, perdida no processo de socialização, como condição necessária ao homem se recriar em cada momento na sua inter-acção com mundo e os outros. Através de um *setting* de confiança, o palco psicodramático, o cliente pode reencontrar-se e aos outros, apercebendo-se dos padrões de resposta que foi repetindo ao longo da sua vida. Assim, no aqui e agora psicodramático são abandonados velhos padrões e encontradas novas respostas mais adaptativas.

Em contrapartida no Psicodrama Centrado na Pessoa é dada ênfase à capacidade de cada homem se poder desenvolver de forma mais adaptativa se lhe forem dadas as

condições facilitadoras para que tal aconteça num ambiente da maior liberdade possível dando aos participantes o poder de escolha do seu itinerário individual e grupal.

Assim, nestas duas opções de Psicodrama surgem ora, Tendência Actualizante ora, Espontaneidade-Criatividade, como a força que cada homem possui, em si mesmo, e lhe permite lidar com o mundo e os outros numa eterna recriação e auto-construção de si próprio. Então, poderemos dizer que embora Hipólito não fale de eus-parciais, mas sim de configurações do *self*, ambos os psicodramas, moreniano ou humanista, visam a integração do homem, de si, consigo mesmo e de si, com o mundo e o alcance do Eu Total, como diria Moreno, ou do Eu em Funcionamento Pleno, como posteriormente, nomeou Rogers.

Na comparação de duas abordagens ao psicodrama (ao de raiz primária moreniana e o desenvolvido com base na Abordagem Centrada na Pessoa) sai reforçada a premissa que o psicodrama é um processo terapêutico extremamente eficaz e que as suas potencialidades merecem ser investigadas para uma melhor compreensão das suas dinâmicas.

Sublinha-se também o poder do experiencial a partir do campo simbólico como motor de desenvolvimento e autoactualização da pessoa que merece uma compreensão mais apurada.

Referência Bibliográficas

- Anzieu, D. (1979). *Le psychodrame analytique chez l'enfant et l'adolescent*. Paris: PUF.
- Buber, M. (1979). *Eu e tu*. (2ª ed.). (N.A. von Zuben, Trad.). São Paulo: Cortez & Moraes.
- Binswanger, L. (1977). *Três formas da existência malograda -extravagância, excentricidade, amaneiramento*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1956).
- Castello de Almeida, W. (1990). *Moreno: encontro existencial com as psicoterapias*. São Paulo: Editora Agora Lda.
- Dichtchekian, N. (2009). O Mundo é a casa do homem. [Versão electrónica]. *FenoGrupos – Centro de formação e Coordenação de grupos em fenomenologia*
- Evangelista, P. (2009). Interpretação crítica da teoria de campo Lewiniana a partir da fenomenologia. [Versão electrónica]. *FenoGrupos – Centro de formação e Coordenação de grupos em fenomenologia*.
- Fonseca, J. (2008). *Psicodrama da loucura – correlações entre Buber e Moreno*. (7ª ed.). São Paulo: Ágora.
- Fuhriman, A. & Burlingame, G. M. (Eds.). (1994). *Group psychotherapy: An empirical and clinical synthesis*. [Versão electrónica]. New York: Wiley.
- Guimarães Lopes, R. (s.d.). Notas não publicadas.
- Heidegger, M. (1995) *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes. (Obra original publicada em 1927).

- Hipólito, J. (2000). A terapia centrada na pessoa e a abordagem do corpo pelo psicodrama. *A Pessoa como Centro – Revista de Estudos Rogerianos*, 5, 89-96.
- Leal, I. (2005). *Iniciação às psicoterapias*. (2ª ed.). Lisboa: Fim de século – edições.
- Lewin, K. (2008). *Resolving social conflicts & field theory in social science*. (5ª. ed). Washington: American Psychological Association.
- Lemoine, G. et P. (1972). *Le psychodrame*. Paris: R. Laffont...
- Lipman, L. (2008). O sistema triádico: sociometria, psicodrama e psicoterapia de grupo – uma revisão. In Gershoni, J. *Psicodrama no século 21- aplicações clínicas e educacionais*. (M. Aguiar, Trad.). São Paulo: Editora Agora. (Obra original publicada em 2003).
- Machado, J.P. (1981). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa. Vol. IV*. Lisboa: Amigos do livro, Ed. Lda.
- Martin, E. G. (1984). *J. L. Moreno: psicologia do encontro*. (M. J. A. Albuquerque, Trad.). São Paulo: Livraria Duas Cidades..
- Mesquita, A.M.O. (2000). O Psicodrama e as abordagens alternativas ao empirismo lógico como metodologia científica. *Jornal Existencial On Line*.
- Moreno, J. L.(1983). *Fundamentos do psicodrama*. (M. S. Mourão Neto, Trad.). São Paulo: Summus.
- Moreno, J.L. (1992). *Quem sobreviverá? Fundamentos da sociometria, psicoterapia de grupo e sociodrama*. Goiânia: Dimensão. (Obra original publicada em 1953).
- Moreno, J.L. (2006). *Psicodrama*. (10ª ed.). São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix. (Obra original publicada em 1964).
- Moreno, J. L. (2007). *Psychothérapie de groupe et psychodrame*. (3ª ed.). Paris: PUF. (Obra original publicada em 1965).

- Moreno, J. L., & Kipper, D. A. (1978). Group psychodrama and community centered counseling. In G. M. Gazda (Ed.), *Basic approaches to group psychotherapy and group counseling*. Springfield, 111.: Charles C Thomas. (Obra original publicada em 1968).
- Moreno, J. L. & Beacon, N. Y. (1947). Discussion of Snyder's "The present status of psychotherapeutic counseling". *Psychological Bulletin*, 44 (6), 564-567.
- Oliveira, M.A. & Carvalho, M.I.B. (1995). *Mini-enciclopédia*. Lisboa: Temas e Debates Lda.
- Osório, L. C. (2000). *Grupos : teoria e prática - acessando a era da grupalidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Rogers, C.R. (2004). *A terapia centrada no cliente*. (S. Vida Longa, Trad.). Lisboa: Edial. (Obra original publicada em 1951).